Apresentação – nº 60 | Estudos Literários 2020

A publicação de nº 60 dos *Cadernos do IL*, do ano de 2020, conta com 12 contribuições inseridas no âmbito da área dos Estudos Literários. Os textos foram submetidos à avaliação por pares e são de autoria de estudantes e professores brasileiros. Atendendo à chamada temática, os textos trazem assuntos e perspectivas variados, os quais são apresentados resumidamente a seguir.

No artigo **Homens livres e pobres e seus afetos em *Paulo, romance de Bruno Seabra***, os autores Rafael Souza Barbosa e Bruna Da Silva Nunes analisam, através de um resgate da obra de Seabra e de seu autor, os aspectos constitutivos da personalidade de certas personagens em *Paulo*, a partir do espaço e tempo em que esses traços se manifestam, de modo a compreender os procedimentos ficcionais do romance no que diz respeito à realidade sócio-política do Brasil no início do século 19.

Natalia Aparecida Bisio de Araujo, em seu estudo intitulado ***Memórias Sentimentais de João Miramar: entre prosa e poesia***, visita o romance de Oswald de Andrade para revelar as experimentações que nele remetem a formas da prosa e da poesia, oportunizadas pelas características inovadoras da obra oswaldina. Araujo sustenta que ela promove uma atualização modernista das técnicas vanguardistas que buscaram na palavra lírica um modo de romper com a tradição literária e, ao mesmo tempo, com o domínio social conservador.

O artigo **Lampejos de resistência: a abordagem fotográfica na vida besta drummondiana**, de Mariane Pereira Rocha e Aulus Mandagará Martins, traz uma análise dos elementos fotográficos presentes no olhar drummondiano, que de modo recorrente problematiza o social através da experiência pessoal. Os autores articulam aproximações entre lírica, fotografia e a resistência na poesia drummondiana a partir de reflexões de Georges Didi-Huberman (2011), Susan Sontag (2004) e Walter Benjamin (2009), dentre outras.

O autor Arthur Barboza Ferreira, em seu artigo **Série *As Cartas de Campos de Carvalho (1973-1974)* no Semanário *O Pasquim***, propõe-se a investigar os sentidos que podem ser apreendidos dessa primeira série de crônicas escritas por Campos de Carvalho, publicada entre 1973 e 1974, levando

em conta os vínculos da série com as características do semanário carioca. Após discorrer sobre as crônicas, o autor conclui que não parece haver um tema ou forma únicos que perpassem os textos, mas há uma certa recorrência e conexão entre humor, linguagem informal e crítica de costumes presentes na série.

No artigo **O mosaico colorido da guará vermelha: a relação das cores com a condição feminina no romance de Maria Valéria Rezende**, Ana Maria Soares Zukoski propõe uma análise da presença das cores como um elemento constitutivo da construção do romance e como elas são representativas das transformações que ocorrem na vida da personagem feminina no romance *O voo da guará vermelha* (2005). A autora conclui que as cores permeiam as vidas das personagens e cada cor utilizada significa um momento muito específico de suas trajetórias, e, além do caminho da protagonista se relacionar com essas cores, ela rompe com as restrições da condição feminina no romance e traz discussões sobre a prostituição que normalmente são menos visíveis.

Lucas Demingos, em **Como chegamos aqui? Medo e ressentimento na sociedade pré-Gilead**, olha para *O Conto da Aia* e para a sua sequência, *Os Testamentos*, de Margaret Atwood, considerando como esses dois romances exploram o contexto de emergência de um regime fascista dentro de um país até então democrático. O autor analisa, a partir de uma reconstrução da situação anterior à instauração do fascismo nos romances, como se deu a articulação dos discursos afim de transformar medo e frustração em ressentimento e vitimização, criando um *outro* que deve ser combatido.

As autoras do artigo **Barba Azul e Sin City: um estudo de intertextualidade pautado no espaço**, Ana Alice Silva Pereira e Lilliân Alves Borges Correio, trazem uma discussão intertextual acerca de espaços nas obras *Barba Azul* (2010) e *Sin City* (2012), pelo viés da toponímia de Bachelard (2008), e das relações desses espaços com a violência. As autoras concluem que há uma semelhança na maneira na qual os espaços nas duas obras são retratados, principalmente no que tange a violência e punição voltadas a mulheres e a condição delas de objetos, mas há também o retrato de mulheres que resistem à submissão e estão dispostas a lidar com as consequências dessa escolha.

O artigo **Vozes da memória: a supraliteratura de Svetlana Aleksiévitch**, de Júlia Campos Lucena, traz uma reflexão sobre a reelaboração

do conceito de memória literária proposta por Aleksievitch em *Vozes de Tchernóbil* (2016), além de fazer considerações acerca da obra em relação a modelos historiográficos como propostos por outros teóricos e também sobre o que a escritora bielorrussa chama de “Romance de Vozes”. A autora do artigo compreende que Aleksievitch age como escuta ativa das testemunhas que presenciaram a catástrofe e com isso termina por romper com o isolamento do terror. Ademais, o esforço da memória e do registro acaba se relacionando de forma equivalente ao sentimento de impotência, mas há um anseio do testemunho, um anseio de se fazer ouvir, e o registro em livro permite que o leitor tenha também o papel de testemunha das experiências ali narradas.

Em **A poética do encontro em *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa**, o autor Adriano Guedes Carneiro propõe a análise do romance de Agualusa a partir de uma poética do encontro, por meio da qual é possível estabelecer e explorar os laços entre personagens oriundas de diferentes polos ideológicos, e também o que advém desses vínculos, afim de criar a possibilidade de uma Angola diferente daquela determinada pelos atos do MPLA e de Agostinho Neto.

No estudo **A construção do fantástico em *Casa tomada* e o efeito em seu leitor**, Diego Gomes do Valle e Midori Nancy Arasaki Chang percorrem diferentes abordagens críticas e teóricas para analisar como a ameaça do sobrenatural presente nesse conto de Cortázar termina por desestabilizar a realidade do leitor. Para tanto, são movimentadas reflexões de Cortázar sobre a estrutura interna do conto, de Freud sobre o conceito de *infamiliar*, de Iser sobre o efeito estético, dentre outras.

O conceito de liberdade é debatido por Marcelo Peloggio no artigo **Da liberdade em literatura: seu alcance ético e filosófico**. O autor parte do oposto imediato da liberdade para compreendê-la, em meio às relações sociais, como algo negociável entre os indivíduos, pois considera a liberdade como uma faculdade crítica, distante da ideia de solidão, que por sua vez é subsidiária de uma noção equivocada de liberdade sem limites. Para tanto, o amparo encontrado para a discussão teórica tem respaldo na literatura, passando por obras de Homero, Machado de Assis, José de Alencar, Stendhal, Goethe, Dostoiévski, entre outros.

Em **Educação em direitos humanos: anotações sobre educação inclusiva e literatura**, Cilene Margarete Pereira propõe um estudo alinhado com a BNCC, que indica que a Educação Básica deve pautar discussões pela inclusão na formação da sociedade, respeitando os direitos humanos. O aporte que dá ao tema diz respeito à literatura e seu ensino, utilizando para exemplo a obra *Olhos azuis coração vermelho*, de Jane Tutikian, que trata da Síndrome de Down.

Passemos, agora, ao encontro com esses estudos, mas não sem antes prestarmos nossos agradecimentos à colaboração dos autores e autoras e dos professores e professoras pareceristas, bem como à atuação da Equipe Editorial da revista, tornando possível a produção de mais um número composto por excelentes reflexões para os estudos da literatura e além dela.

Desejamos a todos e todas excelentes leituras, ao mesmo tempo em que ansiamos por dias melhores e para que o trágico momento da pandemia de Covid-19 logo se transforme em um passado que, não esquecendo seus traumas, nos conduza à esperançosa superação.

o editor e as editoras:

Deborah Mondadori Simionato

Eduarda de Carli

Lucas Cyrino

Patrícia Cristine Hoff